

Conversão proposta por Shultz divide os empresários

O empresariado se dividiu ante a proposta de transformação das dívidas externas dos países em desenvolvimento em capital de risco, ou seja, investimento na participação acionária de empresas dos estados devedores, feita segunda-feira passada em Brasília, pelo Secretário de Estado americano, George Shultz, na 14ª Assembléia-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). Ao abrir a Assembléia-Geral, o Presidente João Figueiredo frisara que o peso do aumento da dívida externa havia se tornado insuportável.

Ontem, em São Paulo, o Presidente da Federação que congrega os industriais daquele Estado, Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, considerou a proposta de conversão viável somente se os investimentos fossem feitos também nas estatais que devem alto ao exterior. Em Porto Alegre, o Presidente da Federação que reúne as indústrias gaúchas, Luis Octávio Vieira manifestou-se contra, afirmando que a recessão fez as empresas brasileiras ficarem frágeis ante o capital estrangeiro, e sentenciou:

— O que é bom para o senhor Shultz pode não ser bom para o Brasil.

Economistas ouvidos pelo GLOBO consideraram a proposta de Shultz "simplista", "uma maluquice completa" e uma "solução restrita". Na verdade, essa transformação vem sendo incentivada pelo Governo desde o início de 1983. Na prática, porém, ela só pode ser adotada se a inflação realmente cair, de acordo com o Presidente do Brasilinvest, Mário Garnero.



GEORGE SHULTZ

NIKOLAUS SENN

MÁRIO GARNERO

LUIS EULALIO VIDIGAL FILHO

“Proponho que as dívidas externas dos países em desenvolvimento sejam transformadas em capital de risco.”

“A proposta é inviável: os bancos faliriam”

“Essa transformação, só com queda da inflação”

“Com participação nas estatais que devem, sim.”